

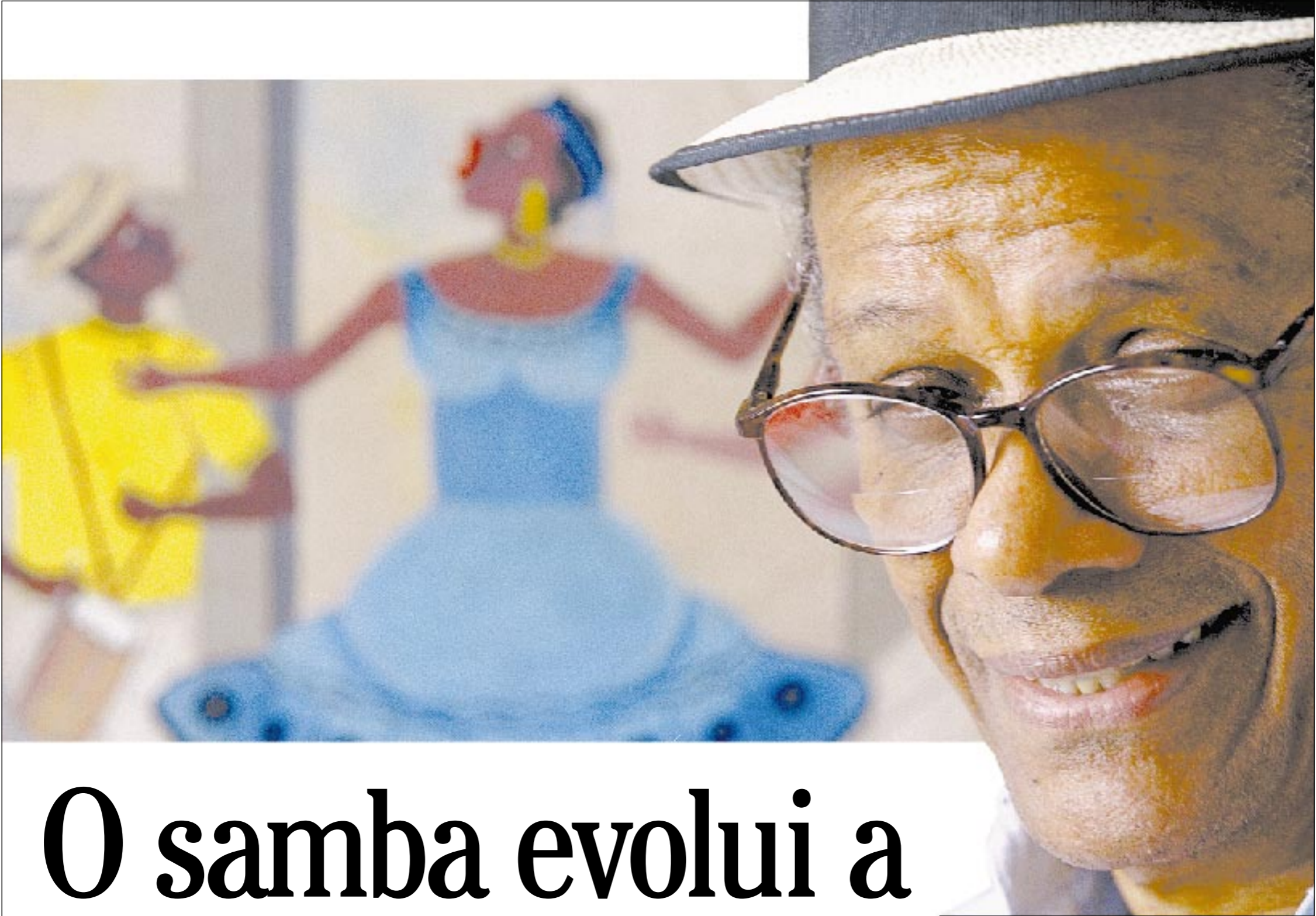
RioFanzine: As muitas caras do músico e produtor Edu K • 4 e 5

SEGUNDO CADERNO

Musical: 'Hoje é dia de rock' inspira show de Gabriel Villela • 8

SEXTA-FEIRA, 5 DE MAIO DE 2000

Ana Branco



O samba evolui a partir da tradição

Elton Medeiros chega aos 70 anos e faz ponte musical entre o passado e o futuro

ELTON MEDEIROS posa em frente a um quadro do também sambista Heitor dos Prazeres: o compositor, que completa 70 anos em julho, sempre esteve ligado ao samba e à cultura popular carioca

Mario Adnet

Especial para O GLOBO

Perto de completar 70 anos bem vividos, em julho próximo, Elton Medeiros é um dos modernizadores do samba e um de seus maiores melodistas. Parceiro de bambas como Cartola, Zé Ketil e Paulinho da Viola, ele conta histórias como quem faz um balanço (bem ritmado) de sua vida, que se confundem com a própria história da música popular brasileira. O compositor, defensor da tese de que sem tradição não há evolução, é também responsável pela aproximação entre sambistas de várias gerações. Com formação musical eclética, de integrante de um dos corais infantis criados por Villa-Lobos a freqüentador dos concertos de Domingo da Orquestra Sinfônica Brasileira no cinema Rex, além bater ponto em gafieiras e bailes, foi trombonista, baterista e percussionista. Fundador de três escolas de samba, Elton Medeiros se tornou um autêntico porta-bandeira da preservação do nosso patrimônio musical.

• **RAÍZES:** "Papai tocava violão muito mal, mas era um exímio dançarino de salão. Por causa dele aprendi a admirar Fred Astaire e também a gostar de música. Ele se dedicava aos ranchos carnavalescos, que têm origem nos pastoris portugueses. Vários elementos do rancho foram encampados mais tarde pelas escolas de samba, como o mestre-sala e a porta-bandeira e a comissão de frente, formada pelos mais experientes da agremiação. Aliás, até há bem pouco tempo as escolas seguiam esse modelo. Hoje, comissão de frente só faz malabarismo. Essa é uma velha história que não me canso de repetir: quem conhece os fundamentos não mexe nos fundamentos e sim desenvolve. Não existe novo sem velho, é impossível alguém nascer sem um pai."

• **MESTRES:** "Sou o caçula de dez filhos e minhas irmãs, bem mais velhas, estudavam no Liceu de Artes e Ofícios, que ficava na Avenida Rio Branco. Quando as aulas terminavam, elas traziam amigos para nossa casa na Glória para as noites dançantes que mamãe organizava. Ainda bem pequeno, cansei de ver Pixinguinha e Luiz Americano tocando num bar da Galeria Cruzeiro e Radamés Gnattali, na sala de espera do Cine Odeon. A música sempre esteve muito presente, em cada esquina das imediações da nossa casa. E assim eu respirava música e dança. Aliás o brasileiro está deixando de ser bom dançarino. Vejo moças que dizem que estão sambando, mas na verdade parecem mais enceradeiras, o pé não está dizendo nada, ficam peladas para provocarem um certo erotismo mas a rítmica não rola."

• **SEU JOÃO:** "Quando ensaiava com a orquestra na Sema (Superintendência de Educação Musical e Artística, criada por Villa-Lobos) na década de quarenta, fiz amizade com o

'Um parceiro impressionante'

Paulinho da Viola

• "Conheço o Elton há 36 anos mas parece muito menos tempo. A nossa parceria de música começou mais ou menos em 1965. Quando nos encontrávamos para compor a gente fazia música para valer, às vezes desenvolvíamos vários temas num mesmo dia. Uma vez deixamos uns cinco sambas quase prontos. Ele é um parceiro impressionante, você faz um acorde e ele já sai compondo uma melodia. São tantas as idéias que, se a gente não correr para registrar, elas acabam se perdendo. "E tem outra coisa: adivinhar o sentido harmônico das melodias de Elton. São tão sofisticadas que às vezes é difícil achar os acordes. Para descobrir os caminhos harmônicos dele, a gente tem que ter muita sintonia, muita afinidade. Mas o mais importante é o resultado, a beleza da composição. A música fica com o traço dele bem definido, ele é um compositor fantástico. Lembro da emoção que senti ao assistir ao encontro, no Zicartola, entre quatro grandes bambas do samba: Cartola, Zé Ketil, Nelson Cavaquinho e Elton Medeiros."

Em depoimento a Mario Adnet

porteiro, Seu João, um senhor de idade muito simpático, que também era contínuo. Um dia a maestrina, D. Cacilda Barbosa, resolveu ensaiar pela primeira vez uma peça composta por ela, 'Suite Brasileira', e mandou um colega chamar Seu João, dizendo que precisava muito ouvir a opinião dele. Ninguém entendeu, por que seria tão importante a opinião de um porteiro? Quando ele chegou, D. Cacilda começou a tocar a música no piano e perguntou o que ele achava, se estava correto. Seu João respondeu que além de correto estava bonito. A essa altura todos estavam atônitos, entendendo menos ainda o que se passava. Foi então que ela revelou se tratar do grande violonista e compositor João Pernambuco. Fiquei tão encabulado que não consegui mais ser o mesmo com seu João."

• **PRIMEIROS CARNAVAIS:** "Comecei a acompanhar o carnaval na Avenida Rio Branco, ainda muito pequeno, famosos com minha mãe à pé, da Glória até lá. Os ranchos passavam por ali, os blocos das repartições públicas, as grandes sociedades carnavalescas que foram criadas no tempo do im-

pério, os Democratas, Fenianos. Os carros alegóricos maiores vêm daí. Outro dia, ouvi uma apresentadora de jornal dizendo uma grande besteira, que o carro da Mangueira quebrou (no último carnaval) porque no Rio de Janeiro não existe *know how* de carro alegórico. Como é que pode alguém falar um absurdo desses sobre uma tradição que vem do tempo do Império?"

• **PRIMEIRO SAMBA:** "Meu irmão mais velho, Aquiles, era um líder natural entre as crianças e organizava blocos de carnaval. Era tempo da Segunda Guerra, ele formou um bloco de meninos e meninas. Nesse bloco meu irmão fazia as músicas e um dia ele me perguntou por que eu não fazia um samba. Eu já gostava de ficar cantarolando e resolvi arriscar. Tinha 8 anos, a melodia não era muito ruim não, mas a letra era uma colagem de coisas que eu ouvia no rádio e não fazia nenhum sentido, eram frases prontas do tipo 'O Brasil é campeão, meu amor me abandonou', que não tinham nada a ver entre si. Meu irmão me chamou de burro, disse que eu tinha que contar uma historinha. Ele ajudou a melodia e então fiz a tal historinha, o samba ficou legal e a garotada da rua saiu cantando. Naquela época para ser um compositor de bloco carnavalesco você tinha que começar na bateria. Se não soubesse tocar não poderia compor. Isso não é verdadeiro mas forçava a uma disciplina. Eu já tocava tamborim, surdo e também sabia fazer os instrumentos. Para sair na bateria a condição era saber fazer os instrumentos. Comecei a tomar gosto e a fazer isso todo ano."

• **VILLA-LOBOS:** "Heitor Villa-Lobos sentiu no povo brasileiro a vocação para cantar junto. Infelizmente isso está acabando. Os ignorantes dizem que ele serviu à ditadura de Getúlio. Na verdade ele ocupou o espaço que lhe foi oferecido para realizar um grande projeto musical e social, e ao mesmo tempo quebrar vários tabus. É aí que eu começo, no canto orfeônico que era obrigatório em todas as escolas. O Villa-Lobos estabelecia um repertório e de três em três meses visitava as escolas ou mandava seus assistentes. Às vezes ele chegava com a banda da guarda municipal, que era maravilhosa. Era uma coisa emocionante que não existe mais, não vai haver mais. Quando chegava no dia 7 de setembro ele reunia os colégios no campo do Vasco com várias bandas e cantava aquele repertório. Ele se utilizava de datas importantes, de tudo o que fosse possível para botar a música na cabeça da gente. Um efeito desse trabalho foi a criação de vários conjuntos vocais. A partir daí você conta quantos apareceram como Anjos do Inferno, Bando da Lua, Namorados da Lua, Coro dos Apiacás, que era só de mulheres, sensacional, e foi criado pela d. Lucília Villa-Lobos, as Três Marias, As Moreninhas, Os Cariocas, Quatro Ases e um Coringa. Hoje só temos o Boca Livre, o MPB-4, Quarteto em Cy e o Arranco de Varsóvia."

Continua na página 2